

## BICENTENÁRIO DE ALAGOAS

### O AGRESTE E O SERTÃO NA COMPOSIÇÃO DO ESTADO DE ALAGOAS<sup>1</sup>

#### Jalon Nunes de Farias

Licenciado em Filosofia, bacharel em serviço social, especialista em mídias na Educação e mestre em Ciências da Educação. Atua como professor na Secretaria Municipal de Educação de Palmeira dos Índios. E-mail: [jalon.n@hotmail.com](mailto:jalon.n@hotmail.com)

Índio Caboclo residia num pedaço de chão ausente de paisagens urbanas e com a predominância das paisagens rurais: inertes e tipicamente “selvagens”, nas quais prevalecia certa natureza, fosse ela biológica ou abstrata.

De acordo com Torres (1956, p. 11) o município em si “(...) fazia parte de uma sesmaria de trinta léguas concedidas pelo Governador Geral do Brasil” (...), isto a partir de 1661.

Logo depois dos idos de 1800 existia apenas a desolação das matas hostis e desconhecidas, com uma breve povoação por parte de remanescentes dos atuais moradores (TORRES, 1956, p. 11). Portanto, “no princípio era tudo verde. Um imenso deserto de clorofila. Inviolável denso. Misterioso” (BARROS, 1969, p. 18).

As ditas características, é evidente, não se resumiam a aquela remota região do Brasil, mas predominava na maior parte do território brasileiro, haja vista que apenas áreas específicas já estavam bastante povoadas e desenvolvidas. Rememoramos, portanto, que fazia apenas pouco mais de 200 anos que o Brasil vinha sendo colonizado pelos europeus, principalmente pelos portugueses; mais que isso, próximo aquele povoado do município, habitado por Índio Caboclo, sua avó e poucos vizinhos, havia a presença maciça de indígenas, principalmente no alto das serras que margeavam a sede do município – a cidade.

No esplêndido e majestoso cenário onde muralham dolentes as lagoas e serpeia, murmuroso e ofegante, (...) viviam tribos aborígenes, entre as quais, pela selvageria de seus hábitos, distinguiam-se os ferozes *Caetés* (...) e mais adentro da região, dirigindo-se para o sertão, habitavam os *Xucurus*, dentre outras tantas tribos (ATLAS GEOGRÁFICO DE ALAGOAS, p. 05-06).

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado em: CAVALCANTI, Rosiane Rodrigues (Org.). **Bicentenário em Prosa: 200 Anos de Alagoas**. Autores: Álvaro Queiroz... [et al]. – Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017, 406 p.

Tratava-se de uma região intermédia entre o agreste e o sertão do Nordeste do Brasil. Nela e no sertão consolidado, prevalecia a seca cruel e implacável. “É preciso saber que o sertão do Estado [era] uma região que se [achava] (...) sob o jugo de uma seca tremenda e amaldiçoada” (CAVALCANTE, 1914, p. 9).

A longa estiagem provocava o flagelo da seca – era uma fase difícil para o homem, para os animais e para as plantas da zona sertaneja. Os barreiros secavam, as lavouras e as plantas não medravam e se tornavam ressequidos. A rotina da pequena família mudava radicalmente, mas nunca de forma inédita! No período da seca não existia cultivo de lavouras. As atividades eram, não menos duras: a coleta constante e incansável por água potável, principalmente, e em barragens distantes até léguas da casa; a procura por pasto para os animais e a dieta se resumia ao consumo dos grãos guardados da safra do inverno anterior. Os bois, carneiros, cabras e aves domésticas morriam de sede e fome. Até o sertanejo chegava a perder a vida por inanição, e por medo da morte, muitos fugiam (BRANDÃO, 1981, p. 87-88).

Pela presença de muitas palmeiras, sinalizamos que elas predominavam em termos de flora. Logo,

Desfraldava-se a ‘serra das palmeiras’, serpenteando outras, desembocando nas grotas e furnas, até outras regiões que a vista humana não podia alcançar. Mas não eram somente as palmeiras que dominavam aquele território, o fato é que não existia extração delas, logo, se multiplicavam ou se mantinham sem nenhum risco de destruição. Porque na região prevalecia mesmo uma vegetação de agreste, compreendida entre a mata e a caatinga<sup>2</sup>, mesmo que já não estivesse intacta. E devido a uma ação já bastante avançada do homem, os agricultores, era mais fácil e mais comum se deparar com as capoeiras, e a crescente plantação de feijão, fumo, milho, palma. A flora, que já teve máxima opulência, avultava-se por sua importância, apresentando um vasto repositório de plantas medicinais, madeira de construção e tinturaria, têxteis e plantas outras de variados méritos (BARROS, 1969, p. 18).

Em termos de fauna, autores endógenos explicam que havia uma variedade significativa de animais – grandes e pequenos – especialmente nos locais menos

---

<sup>2</sup> Prevalecia na caatinga a vegetação nativa de mandacaru, juazeiro, umbuzeiro, xique-xique e outras (ATLAS GEOGRÁFICO DE ALAGOAS, CADERNO DE ATIVIDADES, p. 07).

explorados (ou virgens) pelos humanos. Também se elencam novamente as principais árvores componentes da flora daquela região.

As várzeas. Capoeiras. Brejos. Grotas serranas. Tudo verde, verdinho. E as matas, o pio lúgubre das corujas, na esguia atalaia das árvores secas. Quando as chuvas cessavam, nos estios flamívoros da região, cresciam em abundância os ipês-roxos e amarelos, as baraúnas, as claraíbas, os pau d'arco, o cedro, o bálsamo, a canela, em suma: uma cópia de madeira de lei. Abundava nas serras, frutas silvestres, cajueiros frondosos. Quando a tarde findava, o sol mergulhava nas matas, num desmaio de luzes e sombras, deitando-se, em crepúsculo policrômico (...). E das campinas nas manhãs rubras, se exalava auras perfumadas, e catolés e palmeiras, sussurrando, soprava forte em suas nortadas, agitando o cimo dos ipês e das aroeiras, numa estranha orquestração! (...) [Ainda] a caatinga, a savana, o ervaçal; (...) existia a caça miúda: veados, onças, pebas, tatú, tejú, nhambú-pé, rolinhas, macacos, tamanduás, patos, um colosso de bonança e riqueza em nossa fauna e flora (BARROS, 1969, p. 18).

Reinando sobre esses cenários e componentes naturais, e especialmente nas noites, os espíritos sem rumo regiam norte e sul, leste e oeste e quem tivesse amor à vida devia-se manter guardado, através das casas e da mente sadia e sempre revitalizada! O mal incutido na alma dos malfeitores espirituais açoitava aos precisados e ordenava suas investidas junto aos humanos frágeis ou tidos como “peças-chave” para seu projeto de dor, destruição e servidão!

Não importava a estação. Para os sertanejos prevalecia inverno ou verão, e para os desencarnados bem menos importava essa mudança de estação! Mas, certamente, lhes interessavam as noites, ou “as grotas mais fechadas da mataria densa e isolada, ou os pequenos maciços rochosos, com suas tocas e locas por onde sumiam riachos e córregos” (BRANDÃO, 1981, p. 101); vidas perdiam-se e nunca mais eram achadas!

A cidade-sede, do município em que residia Índio Caboclo, era “a mais sugestiva, a mais encantadora cidade do sertão (...)” (CAVALCANTE, 1914, p. 7); na verdade, com um pedaço no sertão e outro no agreste do Estado.

[Nela] a atividade febril do trabalho iniciou-se nas oficinas, nos pretórios, nas lojas, no fórum, nos bancos e escritórios. Nos campos, alvejavam os algodões e dolentes, pastava o gado, enquanto os trabalhadores cultivavam roçado. Batia forte, como uma bigorna, em pleno coração de Alagoas. Era o município líder (BARROS, 1969, p. 27), [para além da capital do Estado].

Do alto da serra em que o jovem residia, era missão quase insubstituível sentar-se no batente da porta da cozinha, todos os dias, ao cair da tarde. Índio Caboclo por ali ficava e acomodava-se. Sua avó lhe oferecia o café bem quentinho e ele começava a beber. A velha xícara de louça fajuta já nem conservava as cores originais e “sua pele” se confundia com o próprio cheiro e a cor do café. Dali ele observava pelo menos três espetáculos, uns de ordem natural, outro de ordem artificial: mesmo antes do sol se pôr ele gostava de observar as galinhas no terreiro, quase todas bem perto do poleiro (um pé de laranjeira), elas se coçavam e arrumavam as suas penas pela última vez, no dia, e uma a uma, devagar e ao seu tempo, subiam na árvore e se empoleiravam, se acomodavam para dormir; depois, gradativamente a cidade, ao fundo, distante mais de seis léguas, começava a se acender (eram poucas as residências, se comparada com cidades mais evoluídas e antigas), mas ainda assim, garantiam uma visão esplendorosa e vibrante; e por fim, ele olhava para o céu e um tapete de estrelas o tomava completamente, a luz invadia sua alma e ele encontrava-se pronto para deitar-se e dormir, sonhar com dias melhores!

Não restava mais nada a fazer no sertão. Sem a energia elétrica para iluminar artificialmente a noite, o candeeiro não poderia ficar por muito tempo aceso, pois poderia facilmente se esvaziar todo o querosene, combustível do fogo, numa só noite! E tendo finalmente, a lamparina, morrido, e como a alcova não se iluminava sem que houvesse lareira, velas ou candeeiros, restava o gemido da solidão e o deitar-se forçado pela noite, não totalmente forçado porque se estava cansado do dia de trabalho no roçado (BAUDELAIRE, 2002, p. 33).

Ainda sobre a cidade, se durante o dia, se durante a noite, da casa do Índio Caboclo bem como da casa da maioria daqueles moradores do começo da serra, era possível vê-la, estendida ao solo, como um manto, ora colorido, ora esbranquiçado, ora iluminado, ora em chamas!

Ela surgia como se numa ‘garupa’ do pedimento da serra das palmeiras, uma cidade cuja tradição comercialista continuava a manter-se atuante (...); [ficava] numa posição privilegiada na parte norte da zona agreste do Estado. Achava-se na encosta da escarpa ocidental e concentrava uma população de pouco mais de 15 mil habitantes, colocando-se em 5º lugar no Estado. O aspecto da cidade era uma ‘galeria’ ou ‘arquibancada’, voltada para o pediplano sertanejo que se descortinava na direção sul e oeste. A função comercial da urbe condicionava-se à sua organização econômica, que

agigantava o afluxo de gente que participava de suas feiras. A ferrovia lhe ajudava bastante (LIMA, 1965, p. 216).

Dona Maria Preta – a avó do Índio Caboclo - conhecia o potencial da cidade, a dinâmica de suas feiras. Quando seu neto tronou-se rapazote e eles puderam plantar mais e mais no roçado e também colher em fartura, ela o encaminhou para transportar mantimentos e vender nas feiras da cidade. Quando a carga não os pertencia, era de algum vizinho. As vendas se resumiam, é verdade, a sacas de milho, feijão; cuias de amendoim; pesos de macaxeira e batata-doce; sacas de graviola; grãos de mamona e bolas de algodão. Foi assim que, entre os afazeres do roçado e a lida com os animais, os momentos em que sua avó lhe reservava ao estudo empírico e orientado e as poucas escapadas para momentos de lazer com alguns amigos, que Índio Caboclo desempenhou por alguns anos, ainda na fase de adolescência, o ofício de *cambiteiro*: em cuja função ele guiava o animal, ou animais carregadores dos produtos cultivados na roça, bem como da lenha extraída nas matas da serra. Assim, eram levados produtos para a feira da cidade, em sua maioria: farinha de mandioca; sacas de milho; carvão; frutas e animais (porcos e galinhas, bodes e cabras, ovelhas e perus); além de objetos de cerâmica matuta. Aquele ofício de anos lhe foi muito útil, já que permitiu ao Índio Caboclo vivenciar novas experiências além dos limites restritivos do povoado.

Mas, em nenhum daqueles dias de feira, nos quais ele rumava para a cidade, pôde aproveitá-los em suas noites singulares; por dois motivos: não havia como pernoitar na cidade e deixar sua avó sozinha no campo, a mercê de toda e qualquer influência nefasta e invisível; e a própria noite em si poderia representar uma ameaça para a vida do Índio Caboclo.

Ele nunca pôde, portanto, experimentar as “(...) noites daquela cidade, que eram cheias de movimento, encontros, discussões, músicas, bebidas” (LEITE, 2007, p. 33). Em épocas de festas, podia-se constatar a existência das barracas, dos parques de diversão<sup>3</sup>, a presença ampla dos matutos nos bares e nas praças, participando dos leilões e visitando repentinamente os presépios; mais que isso, o povo de um modo geral, preenchia as calçadas da igreja e nas redondezas flertavam e namoravam, afinal as festas eram pingadas. Os matutos se divertiam, exceto Índio Caboclo, matuto, mas que

---

<sup>3</sup> Nestes, fascinavam os aparelhos componentes: barcos, roda gigante, espalhadeira, carrossel; além dos gabinetes de tiro ao alvo, “pescaria” e lançamento de argolas. Na finalização das festas, era de costume a eleição da rainha (do azul e do vermelho) e a cavalhada.

carregava sobre si, além dos infortúnios da ação destruidora da seca, uma sina infeliz por ser vítima de malfeitores extraterrenos!

Ainda em séculos atrás a história do Índio Caboclo havia ultrapassado as fronteiras do povoado, alcançando a cidade-sede e até mesmo a região toda. Ao passo que a cidade “desenvolvia-se regularmente, aos poucos criando fama, devido à propaganda dos almocreves, viajantes e tropeiros” (BARROS, 1969, p. 25).

Por outro lado, as atividades mercantis também começavam a ajudar no desenvolvimento da cidade-sede.

Nos tempos de safras, a vila se regorgitava de gente de todos os quadrantes. O comércio era um burburinho. E os novos caminhos. Novos casebres iam surgindo, pelas várzeas, pelas serras. O povo utilizava suas energias no trabalho. Era sua fonte. Sua inspiração. Seu deleite. Nele, o povo se comprazia, dele exauria a própria sustança. (...) Sem dúvida era o prelúdio de uma nova era. O aldeamento em marcha (...), transformava-se em uma sociedade de evolução, seguindo altaneira, a rota do progresso, de uma autêntica civilização (BARROS, 1969, p. 25).

Uma constituição completa de uma cidade no patamar daquela – e naquela época – podia ser apresentada da maneira seguinte, sem prejuízo nenhum:

Nos fundos, a nova igreja, [e atrás dela] ficava o cemitério, a morada dos mortos. Ao lado, um grande casebre residencial, do novo padre. E na mesma linha, uma cadeia, pequena, toda de madeira, como sinal de advertência e castigo. Nela, somente, os ratos, corujas e morcegos podiam repousar. As outras coisas, a bodega, a do boticário, as casas de família mais pobres, formavam o arruado que margeava, tortuosamente, os caminhos da humilde cidade (BARROS, 1969, p. 23).

Naquele município, “além da cultura do algodão em larga escala, prestavam-se [os moradores] à criação de gado de todas as espécies, e a indústria que constituía a sua principal riqueza” (CAVALCANTE, 1914, p. 27). Em contraste precedente “donde outrora se descortinava uma imensa região despovoada, cerrada de capoeiras e grutas serranas, despontava um oásis, cheio de vida e riqueza” (BARROS, 1969, p. 23).

Quanto ao povoado em que morava Índio Caboclo, já mencionamos que estava localizado na região Nordeste do Brasil, nos confins de uma Cidade de Alagoas, em terras pouco propícias para a agricultura (caso se quisesse cultivar o ano inteiro) e rodeada por cadeias de montanhas. Saindo-se de tal cidade daquele Estado, percorriam-

se várias léguas por estradas de terra batida, caso estivesse indo de animal ou a pé, pois aquelas estradas consistiam em diminuir bastante o tamanho do percurso, eram então um excelente atalho (de modo que, de animal seriam pelo menos uma hora e meia de viagem e a pé ultrapassavam-se as duas horas e meia de caminhada rápida, sem parar para descanso).

Na sequência o caminho se transformou em estrada e a partir do século XIX já se podia optar por chegar até lá de automóvel, pois se poderia rumar por ela asfaltada e “consumir” inúmeros quilômetros de distância. Era inevitável, porém, trafegar por um dos mais perigosos conjuntos de curvas, existentes naquela região, as quais eram extremamente arriscadas e “famosas”, haja vista a alta taxa de mortos lá registrada. Muitas daquelas vítimas de acidentes que envolveram automóveis desgovernados ou mesmo motoristas desatentos, pois de um lado (direito de quem sobe) da pista, apresenta-se uma enorme muralha natural de pedra (porém, cortada artificialmente) e, do outro lado (direito de quem desce) um abismo profundo. A serra era e é bastante alta e a estrada foi feita exatamente dando-se um corte na serra!

Por outro lado se não se quisesse trafegar por entre as mais de 20 curvas sequenciais, poder-se-ia pegar um breve atalho, porém bastante inclinado, esburacado e com lamaçal em tempos invernosos! Além disso, aquele atalho só permitia e ainda permite a passagem, caso esteja montado a cavalo ou simplesmente a pé. Por um ou por outro caminho, chegava-se a outra estrada de terra, rodeada por árvores grandes<sup>4</sup> e pequenas. No inverno elas praticamente tomavam conta daquela estrada e faziam uma espécie de arco entre uma e outra cerca de arame farpado, que acompanhavam todo o percurso. No verão a seca castigava e elas secavam, chegando a parecer que estavam mortas.

Ainda andava-se por poucas léguas e começava-se a encontrar as primeiras casas. Poucas, uma ou outra, bastante distantes entre si, o que conferia a aquele mísero povoado uma vida solitária e pacata. Porém, nem tanto “desabitado” se considerarmos a existência maciça das assombrações que assolavam a pobre vida de alguns moradores do povoado, tornando suas noites ainda mais sombrias, demoradas e lamuriosas!

Naquele pedaço de chão, as coisas sempre aconteciam ao extremo, fossem de caráter natural ou não. Por exemplo: os invernos lá eram bastante frios; as chuvas logo

---

<sup>4</sup> Predominância maciça dos mulungus, que facilitam o replante por galhos (grossos – principalmente – e finos); estes exibem folhas robustas e arredondadas na época invernososa e flores grandes bem vermelhas; as sementes são

faziam os açudes encherem e sangrarem; a velha estrada ficava toda cheia de lama e grandes grotões de água parada e suja se faziam presentes. Para se plantar, somente em terras firmes e não muito utilizadas, especialmente aquelas que detinham plantas nativas e bem definidas, capazes de proporcionar queimadas e posteriores coivaras! Naqueles tempos de chuvas regulares, os moradores tinham o privilégio de não beberem a água dos açudes, mexidas pelo gado dos fazendeiros, mas, ao contrário, podiam desfrutar da água que caía direto das nuvens, derramavam-se pelo telhado e eram guardadas em depósitos e vasilhas, quando não em cisternas e tanques, ou mesmo cacimbas, o que favorecia a diminuição da sede inimaginável, do sertanejo!

Já no verão, o sol era constante e assolava a todos! As águas dos açudes secavam e estes tinham seus leitões rachados, por causa do calor e da seca. Os animais definhavam e morriam de sede e os humanos tinham que percorrer muitas léguas de distância para conseguir água razoavelmente potável, noutras regiões menos castigadas, isto é, adentrar as terras dos grandes fazendeiros e coletar a água reservada em grandes barragens – construídas a trator, muitos dessas erguidas com dinheiro público, através do Governo Federal, principalmente.

E por que não mudar-se daquela região insalubre e seca, sem perspectivas de melhorias? Porque o “povo sertanejo é demasiado heróico, e morre apegado ao solo natal, desde quando nele exista ainda uma gota de água” (CAVALCANTE, 1914, p. 11).

Mesmo preservando o heroísmo e apego, muitos sertanejos renunciavam àquele obelisco, qual seja, o pedaço de chão, por pequeno que se constituísse, mas que fosse de ordem particular; e se não, de um patrão bondoso e “pai”. E por causa da fome e da falta de perspectivas, dentre outras mazelas, deixavam o sertão, muitas vezes rumo à região Norte ou ao Sul do país.

O principal meio de transporte utilizado para escapar das paisagens comburidas pelo sol intenso era a caminhada exaustiva, sobretudo para os mais pobres. Depois, com o advento do caminhão, os sertanejos utilizavam-no na sua fuga e em consequência daquele no estado social, eram denominados de paus de arara, dada a analogia entre eles e as araras e papagaios do sertão, que vivem em torno da galhada contorcida da vegetação local, fazendo aquele característico alarido (BRANDÃO, 1981, p. 88).

No verão a família consumia apenas as sementes plantadas na época invernos e que eram guardadas exatamente para essa fase tremendamente escassa de tudo, e de

vida, de esperanças e perspectiva de dias melhores. Aquele aprendizado foi repassado para Índio Caboclo desde cedo. Sua avó o levava para a roça e o ensinava a plantar (um bolso, uma mão, ou vasilha) com sementes secas de milho, feijão, fava, abóbora, que deveriam ser jogadas nas respectivas covas, cobertas com terra e daí aguardar sua germinação. Limpar uma a uma para que o mato e as ervas daninhas não atrasassem o crescimento e consumissem os nutrientes da terra desfavorecendo a lavoura; fazer isso pelo menos duas vezes antes de os “frutos” estarem prontos e poderem ser colhidos!

Tratados e guardados, depois eram separados os que deveriam ser consumidos dia a dia! Outro aprendizado fora o de plantar ao redor da casa minúsculas sementes de fumo. Após crescerem eram arrancadas as folhas e depois de murcharem eram feitos os rolos de fumo. Dona Maria Preta fumava por dois motivos: já estava viciada e também fumava para espantar os mosquitos, com a fumaça do velho cigarro de fumo e palha seca de milho.

No plano das relações as coisas também ocorriam de forma extrema e anormal, haja vista a estreita relação entre humanos e espíritos.

Naquele mesmo local onde morava aquela família, composta de dois membros, moravam alguns outros moradores, sendo que as casas ficavam distantes umas das outras, pelo menos duzentos metros. As atividades eram totalmente rústicas e de natureza rural. As casas eram de madeiramento com preenchimento de argila (socada), isto é, moradas de taipa. Os moradores contavam com a ajuda de alguns animais, que eram utilizados para o transporte de pessoas e mantimentos, necessariamente água. Dona Maria Preta possuía uma mula e duas cabras, animais usados para o transporte de carga, como lenha e lavoura (mula) e retirada de leite e venda de cabritos (cabras).

No que diz respeito à educação, a exemplo da avó, Índio Caboclo não frequentou uma escola formal e mesmo que houvesse uma era improvisada e “gerenciada” por uma moradora que havia se aventurado alguns anos na cidade-sede. Índio Caboclo aprendia diversos ensinamentos com a sua avó e com as experiências que ela já havia vivenciado e por causa dos dons que possuía. Ainda assim “as aulas” eram bastante limitadas, haja vista que as atividades do roçado eram necessárias e ocupavam quase o dia inteiro e Dona Maria Preta estava cada vez mais cansada da vida e dos tormentos que enfrentava e costumava superar!

Sua vida esvaia-se lentamente e ela temia que o jovem Índio Caboclo não fosse capaz de lutar e manter-se vivo assim como ela. Pois ela fora a única que soube domar os espíritos perseguidores e continuava firme na luta contra eles! Sabia que, quando

viesses a morrer, seu neto estaria sozinho e era da responsabilidade dela deixá-lo preparado o bastante para continuar resistindo, constituir família, reproduzir e não deixar que sua genealogia<sup>5</sup> fosse abolida. Neste sentido o termo genealogia refere-se, portanto, ao caminho parental já percorrido pela família do Índio Caboclo e também o fator decisivo de preservação dessa linha genealógica.

Dona Maria Preta sabia encarar as dificuldades da vida e se impor às escritas daqueles medonhos que teimavam em colocá-la como partícipe daquela maldita trama! Pois o malfeitor contava com o auxílio de inúmeros servos alienados e alienadores! A senhora sabia da existência deles além dessa materialidade que nos cerca; mas ao contrário de outros membros de sua família que foram expurgados da face da terra, ela tinha uma estrutura de essência bem formada e preparada para enfrentar o mal, letal e invisível que adentra a todos os seres humanos vulneráveis. Ela se adornava (interno e externamente) de uma estrutura simbólica e fazia referência – sempre - às coisas boas, negando e abandonando tudo que causasse mal algum ou que se reportasse à ideia de infelicidade! Para ela, a felicidade consistia no privilégio de manter o “espírito livre, elevado, impávido e constante, acima de qualquer temor, ou paixão (...)” (SÊNECA, 2006, p. 23).

E era nada fácil alcançar a tal felicidade, uma vez que a própria natureza lhe causava extremas privações, bem como os espíritos desencaminhados e a serviço de demônios mais contrafeitos, sempre a queriam em sofrimento e dor constantes! Além disso, ela ocupava todo o seu tempo de forma aproveitável: fosse em atividades puramente laborais ou em momentos de reflexão, ou ainda no trato correto do convívio familiar e social, sendo este último miúdo, mas existia e exigia a participação de todos que ali habitavam.

O maior propósito de Dona Maria Preta era, portanto, tornar Índio Caboclo um ser humano tão forte quanto (ou preferencialmente mais que ela), capaz de escrever sua própria vida, sua própria história, onde admitiria a coparticipação, apenas, de membros da sociedade, isto é, de outros humanos, de boa essência e com projetos de vida formados e que, ninguém além desses interviesse de maneira decisiva e impondo somente as linhas de seus escritos, exceto daquele que escreve sempre para a bondade!

---

<sup>5</sup> “A Genealogia é uma ciência auxiliar da história que estuda a origem, evolução e disseminação das famílias e respectivos sobrenomes, ou apelidos. A definição mais abrangente é *‘estudo do parentesco’*”. Disponível em: <<http://www.genealogia.net>>; <<http://www.cobra.pages.nom.br/gen-metodos.html>>; <<http://www.wikipedia.org/wiki/genealogia>>. Acesso em: out. 2009.

Sabia ela que a escola seria bastante útil para a formação da vida dele, em termos de conhecimento, pois iria aprimorar sua cultura e ampliar seus horizontes, mas por outro lado, não sobreviveria sem que Índio Caboclo lhe ajudasse na roça e também não poderia suprir as necessidades básicas somente com a labuta dela. Portanto, sempre foi inviável permitir que Índio Caboclo caminhasse diariamente por mais de uma hora, para chegar a uma escola regular, naquela região, comprometendo parte do dia com os estudos. Era, portanto, preciso inserir Índio Caboclo na lida com o roçado definitivamente, ao tempo em que o encaminhava para a correta vida social e espiritual, mesmo que de maneira amadora e informal. O jovem estava no fim da adolescência e assumiu de vez as tarefas do roçado, com parcial ajuda de sua avó. Além disso, ficou ele a cargo de providenciar a comida da mula e das cabras, bem como o reparo das cercas de arame farpado (estacas e arames) e o corte de madeira (para queimar, principalmente), a ida para a feira, na cidade-sede, em sábados alternados.

O garoto Índio Caboclo crescia biologicamente normal, sua avó o preparava paulatinamente para ser um grande homem, de potencial físico e espiritual, como já foi explicitado anteriormente, para que fosse capaz, suficientemente, de vencer as barreiras que a ele seriam impostas, naturalmente e imaterialmente! Sua avó sabia que se ele não fosse forte o bastante, seria aniquilado rapidamente e assim restaria apenas ela: uma velha sem perspectivas sólidas e no término da sua existência natural.

Ser forte espiritualmente era, portanto, uma necessidade de quem iria lidar, enquanto estivesse vivo, com espíritos de diversos potenciais e habilidades, de maneiras distintas e atípicas à humanidade!

Pois, de um modo geral, a palavra que nomina espírito tem em sua etimologia a raiz latina *spiritus*, que se traduz para respiração, ou ainda, sopro, que faz a matéria vivificada e móbil<sup>6</sup>. Daí em diante esse radical sofreu várias modificações e recebeu outros significados distintos, a depender da cultura religiosa e social. Ainda entendendo o uso da palavra espírito, podemos conceber que seu uso se restringe a dois contextos, isto é, um metafísico e outro metafórico. Quanto ao metafísico diz respeito ao fato de buscar-se entender este fenômeno tal como ele é, sendo que a partir do princípio da Metafísica, buscando responder o “porquê” do estado de metafísico do entendimento do espírito. “Pensar metafisicamente é pensar, sem arbitrariedade nem dogmatismo, nos mais básicos problemas da existência”. Aqui está perfeitamente explícito pensar na

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.wikipedia.org/wiki/esp%ADrito>>; <<http://www.guia.heu.nom.br/e-html>>. Acesso em: des. 2009.

categoria espírito e sua função enquanto parte do indivíduo humano, assim entendido culturalmente. “O fruto do pensamento metafísico não é o conhecimento, mas o entendimento<sup>7</sup>”.

O segundo sentido refere-se a uma ideia que fazemos da categoria espírito, vez por outra, totalmente deslocada da concepção humana de ser, buscando separar a humanidade do corpo, a espiritualidade da alma; enfim isso mais acontece quando buscamos entender o ser humano sob a ótica da religião, por exemplo. Logo, simbolizamos ou tornamos signos em nossa mente e em nosso entendimento diário de algo que pede para si uma compreensão diferenciada, livre de estereótipos e axiomas consolidados; mas isso não é fácil, pois, raros são os homens que possuem alguma concepção sobre a Filosofia e bem menos são os que têm qualquer noção sobre a Metafísica.

Podemos excetuar sim, neste caso, algumas raras almas meditativas, como Dona Maria Preta; mas, de um modo mais abrangente os homens percorrem a vida aceitando questões da existência como ditado. É verdade e deve ser mencionado que ela - a Dona Maria Preta - sempre esteve a desenvolver essas capacidades sem se dar conta que se tratava de Filosofia e/ou Metafísica, mas também, convenhamos que “o nome dos bois nem sempre é mais importante ou real que os bois”.

Já no que diz respeito à análise segundo a Filosofia, espírito é simplesmente um conjunto totalizante que comporta as faculdades intelectuais, inerentes ao ser humano.

Noutras concepções o espírito é entendido como um elo que une corpo e alma e desta forma, vivifica-se o ser humano. Por outro lado, outras culturas entendem que espírito e alma se confundem e podem ser concebidos como a mesma coisa.

Dona Maria Preta concordava com algumas tradições religiosas, que compreendem que a morte serve, principalmente, para separar o corpo do espírito (alma), sendo que, a morte não significa o fim da existência. Suas opiniões também defendiam que o espírito é capaz de se comunicar com outras dimensões, habitando nelas! Nesta mesma perspectiva caminham as definições defendidas pelos espíritas, pois compreendem que o espírito encontra-se encarnado nas pessoas, mas que o corpo

---

<sup>7</sup> “Exemplos de dados metafísicos são as crenças que todos os homens possuem, independentemente da Filosofia, de que existem, de que tem um corpo, de que lhes cabe algumas vezes uma opção entre cursos alternativos de ação, de que por vezes deliberam sobre tais cursos, de que envelhecem e morrerão algum dia etc.” (CHAUI, 1995).

quando abrigando o espírito o torna prisioneiro, pois, somente na condição de desencarnado é que o espírito estará em plena liberdade!

Mas Dona Maria Preta era defensora ferrenha da ideia de que os espíritos que perambulam pelo mundo dos humanos, são de fato, cruéis, ou no mínimo, desprezados e desprezíveis, isto é, não foram acolhidos noutras dimensões, assim como não reencarnaram; ainda assim, ela acreditava que há espíritos que vagueiam, mas não querem fazer mal a humano algum, querem ao inverso, que tais humanos sejam capazes de ajudá-los a transcender! De modo amplo seriam, portanto, anjos decaídos, espíritos impuros ou simplesmente demônios! Seriam certa casta de demônio, que tramitava entre diversas dimensões, capazes de incutir-se no espírito humano e corrompê-lo! Demônios assim tinham extremo poder sobre a mente e o modo de viver dos indivíduos humanos, excepcionalmente daqueles que não são orientados e capacitados para lidarem com o inesperado! Teriam ainda capacidades de se incorporar nesses indivíduos; assim como de modo a utilizar-se de elementos inanimados – coisas e objetos – para poderem fazer assombrações de forma mais ferrenha e anormal!

Nossa querida terra de Alagoas desponta das lacunas existentes nas planícies e nas montanhas; litoral, zona da mata, agreste e sertão formam um todo indivisível, um só espírito que está além da nossa compreensão geográfica, social ou simplesmente humana. Porque nós somos um só povo, um gracejo que luta a todo custo contra as investidas de um mal social, visível ou não que nos queira diminuir frente ao Nordeste que ajudamos a identificar, frente ao Brasil que ajudamos a compor! No fim das contas todos nós somos como a Dona Maria Preta, gostaríamos de viver mais e mais para aproveitar as belezas do nosso Estado e as riquezas naturais, as maravilhas humanamente construídas ou reformuladas, repassar nossos ensinamentos (do que vimos do mundo e do nosso Estado) para as futuras gerações, que podem ser nossos familiares ou simplesmente nossos vizinhos! E somos como o Índio Caboclo, cheios de uma força que nós mesmos não conhecemos: a força do trabalho, da oportunidade de aprender e da procura por um mistério involuntário e maior, que nos faz seres humanos reflexivos, residentes do Estado de Alagoas!